

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo

Class.: 289

Data 11 de maio de 1980

Pg.: _____

Usos e recursos da medicina indígena

André Ricciardi Cruz

“Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros (1844)”, de Karl F.P. von Martius. Tradução de Pirajá da Silva. Companhia Editora Nacional, 1979, 2ª edição, 183 páginas, Cr\$ 65,00. “Medicina Rústica”, de Alceu Maynard Araújo. Companhia Editora Nacional, 1979, 3ª edição, 301 páginas, Cr\$ 40,00.

Reedita, a Companhia Editora Nacional, dois volumes de sua coleção Brasileira, um de 1930, obra de Martius escrita em 1844 e o segundo, de 1959, de A.M. Araújo. As duas obras, escritas por não médicos e não sociólogos esbarram talvez na superficialidade de análise de

tópicos das respectivas especialidades, deixando muito a desejar não cabendo, portanto, uma análise crítica a cada um dos volumes. Martius analisa o gentio brasileiro de forma impiedosa e, certamente, falsa; bastando para fazer idéia o trecho em que analisa a percepção do nosso índio. Após julgá-los possuidores de sentidos atilados, agudos e de grande alcance, os destrói porque “mostrei aos brasis objetos no microscópio a fim de lhes avaliar o alcance visual e intelectual; porém, nunca pude obter a afirmação de terem visto realmente alguma coisa”, como se fácil fosse ver alguma coisa naquele microscópio. Não é nada estranho que “ao contrário, sempre impacientes e agastados voltavam-me as costas”. Araújo, levantando os costumes de uma cidade do Nordeste, com enfoque dirigido às doenças e credices médicas, ressalta, e é mesmo motivo de quase um capítulo, a importância de colaboração íntima entre antropólogo social e médico. No que se refere ao que denomina “Medicina Rústica”, onde entra até a “pingaterapia” e os vários tratamentos que agrupa em medicina mágica, religiosa e empírica, relata as credices mesmo quando não relacionadas com doenças e o faz para traçar um paralelo e aceitar que, para eles, o mal nunca provém de causas naturais, não deixando, no entanto, de relacionar causas bem naturais e conhecidas e até mesmo tratamentos com antibióticos que o próprio sertanejo já dominava na época.

Em boa hora são reeditadas; pelo menos caberia revê-las, principalmente a primeira como marco histórico e, como justificativa, transcrevemos alguns trechos do prefácio do livro de Martius, escrito pelo prof. Egon Schaden: “Eis aqui um livro que muitos consideram a tal ponto obsoleto que já não vale a pena de ser lido. É, no entanto um documento de grande interesse para a história da Etnologia brasileira. Martius foi um precursor. Alguns o chamam pai da Etnologia brasileira. É, no entanto, um texto que ainda hoje se há de recomendar aos que saibam separar o joio do trigo e deixem de lado as interpretações fantasiosas” ●